



Vol. 19, nº 2 (2020)

DOI: 10.30681/issn22379304v19n02/2020p136-149

UM ESTUDO SOBRE O SENSO DE PERTENCIMENTO NA OBRA AMERICANAH DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE¹

A STUDY ABOUT THE SENSE OF BELONGING IN THE NOVEL AMERICANAH BY CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

Roberta Maria Righetto²

Recebimento do texto: 05/09/2020

Data de aceite: 04/10/2020

RESUMO: A autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie é conhecida por ser uma feminista e esta característica é latente em suas obras. No entanto, suas obras não focam somente essa temática. Neste artigo, objetiva-se realizar um estudo sobre o conceito de ser estrangeiro e o senso de pertencimento discutido no terceiro romance da autora intitulado *Americanah*, publicado em 2013. Neste romance, Adichie discute vários temas que acometem o estrangeiro, tais como raça, imigração e o sentir estrangeiro em diversos espaços. Sua protagonista, uma jovem nigeriana, e seu namorado vivem situações diversas a partir do momento que saem da Nigéria. Para realizar esta análise, faz-se necessário estabelecer as teorias que envolvem o conceito de romance contemporâneo, bem como as características de fronteiras geográficas e culturais presentes na obra influenciam as personagens.

PALAVRAS-CHAVES: Estrangeiro; Senso de pertencimento; *Americanah*; Romance contemporâneo; Chimamanda Ngozi Adichie

ABSTRACT: The Nigerian writer Chimamanda Ngozi Adichie is worldwide known as a feminist and this is one of the most evident characteristics in her work. However, this is not the only theme she writes about. The aim of this article is to study the concept of being a foreigner and the sense of belonging which is found in her third novel called *Americanah*, published in 2013, at first in English and later translated into other several languages, including Brazilian Portuguese. In this novel, Adichie discuss several themes which affect any Foreigner, such as race, immigration and also the foreigner feeling in a lot of atmospheres. The protagonist, a young Nigerian lady, and her boyfriend face plenty of situations from the moment they leave Nigeria. In order to do this analysis, it was necessary to establish the theories which encompass the concept of contemporary novel as well as

¹ Artigo apresentado à Universidade do Estado do Mato Grosso, como exigência parcial para conclusão da disciplina: O Romance Contemporâneo, ministrada pelos professores Dr. Benjamin Abdala Júnior e Dr^a. Vera Lúcia Mâquea, no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Estudos Literários – Nível de Mestrado. Orientador: Dr. Hélio Gomes Moraes Júnior.

²Mestranda em Estudos Literários pelo PPGEL/ UNEMAT. E-mail: robertam.righetto@gmail.com



how the characteristics of geographical and cultural borders presented in this work affect its characters.

KEYWORDS: Foreigner; Sense of belonging; *Americanah*; Contemporary novel; Chimamanda Ngozi Adichie.

O romance contemporâneo

Sendo o objetivo deste artigo analisar o ser estrangeiro e o senso de pertencimento em diversas situações dentro do romance *Americanah*, faz-se necessário pensar em conceitos que envolvem o romance como gênero literário e romance contemporâneo. A escolha desta obra dá-se pelo fato de que ela pode exemplificar o que Bakhtin afirma, uma vez que para ele, o “romance é o único gênero por se constituir, e ainda inacabado” (1998, p.397), inacabado por estar ligado “aos elementos do presente inacabado que não o deixam se enrijecer” (1998, p.417). Além de diversas temáticas inerentes à sociedade do século XXI, Adichie (2014) insere em sua obra elementos característicos a esta sociedade. Um exemplo destes elementos são os meios de comunicação utilizados pelas personagens.

Observa-se que no desenvolvimento do enredo, comunicar-se por telefone fixo é uma ação rara, as personagens trocam mensagens através do aplicativo *Whats app*, procuram informações sobre as demais personagens pelo *Facebook*, realizam suas leituras em leitores de *e-books* e a protagonista, por sua vez, discorre sobre seus dilemas no seu *blog*. Há uma demonstração evidente na obra da evolução destes meios de comunicação, enquanto adolescentes e na Nigéria, as personagens mencionam o rádio, a televisão, o telefone fixo, as cartas. Entretanto, com a evolução do tempo, estes meios também evoluem na obra demonstrando uma inferência constante dos “elementos do presente inacabado” defendido por Bahktin.



De acordo com Watt (2010, p.13), “o romance é o veículo literário lógico de uma cultura que, nos últimos séculos, conferiu um valor sem precedentes à originalidade, à novidade”, pois através do romance pode-se observar a evolução cultural, social e econômica de um determinado grupo. Enquanto muitos romances tratam de África como um lugar de pessoas pobres e doentes, de belos animais e paisagens exóticas, outros apresentam um continente desconhecido para os demais, uma África com pessoas instruídas, com acesso aos mais diversos recursos tecnológicos e também com divisões de classe.

Analisando a afirmação de Watt, pode-se inferir que as obras literárias evoluem de acordo com o tempo, e, mencionando esta evolução, questiona-se o que seja romance contemporâneo e até mesmo, a definição de contemporâneo. Considerando as reflexões de diversos estudiosos, percebe-se que vários buscam definir as características do contemporâneo, mas não apresentam uma conclusão. Dentre estudiosos que discutem os conceitos de contemporaneidade na literatura, cita-se o filósofo italiano Agamben e Schilhammer.

Agamben (2009), em seu ensaio, retomando o conceito de Roland Barthes que “O contemporâneo é o intempestivo”, apresenta algumas definições de contemporaneidade, sendo que a primeira diz que

A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela (AGAMBEN, 2000, p. 59).



Percebe-se que a contemporaneidade não significa que o poeta deva apenas ater-se ao presente, mas sim desenvolver um relacionamento com o tempo, um olhar crítico que possibilite enxergar através dele e expressar aquilo que o incomoda. Este desconforto com o seu tempo cria um ambiente propício para a criação. O poeta contemporâneo não, necessariamente, aprova ou valoriza o seu presente, mas interpreta-o e assim traz para sua obra aquilo que é turvo. Isto posto, Agamben discute a sua terceira definição, visto que para ele o poeta contemporâneo “é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para que desta forma, perceba nele não as luzes, mas o escuro” (2000, p.63), ou seja, é aquele que consegue escrever partindo da obscuridade de seu tempo, porém, esta obscuridade não o cega, mas o aflige, incomoda-o a tal ponto, que o obriga a agir através de sua produção.

Sch◻llhammer (2009), inicia sua discussão sobre o que é contemporâneo partindo das características apresentadas por Agamben e enfatiza que o poeta contemporâneo busca urgência e eficiência em sua escrita, pois “o escritor contemporâneo parece estar motivado por uma grande urgência em se relacionar com a realidade histórica” (Sch◻llhammer, 2009, p.10), da mesma forma, este argumento se une à necessidade desta escrita alcançar um objetivo, ou seja, “o essencial é observar que essa escrita se guia por uma ambição de eficiência e pelo desejo de chegar a alcançar uma determinada realidade, em vez de se propor como uma mera pressa ou alvoroço temporal” (Ibidem, p.11).

Para alcançar os argumentos defendidos por Sch◻llhammer, a escrita pós-realista “desafia as fronteiras do domínio textual”, porque muitas vezes o que a caracteriza “é a revelação de uma realidade fora do domínio textual” (Sch◻llhammer, 2016, p.19)



O romance *Americanah*

Americanah é um romance dividido em sete partes apresentando várias temáticas para análise, sendo que vários temas já foram discutidos em artigos, dentre eles, artigos sobre o papel da mulher, o racismo, a imigração, a constituição familiar. Neste contexto, depreende-se que este romance pode ser analisado sobre a ótica literária, filosófica, sociológica e assim por diante.

O enredo se desenvolve através da história de amor de Ifemelu e Obinze, personagens que se conhecem na adolescência, iniciam seus cursos universitários e, devido as constantes greves universitárias, sentem a necessidade de imigrar para países que supostamente ofereceriam melhores condições acadêmicas e profissionais para ambos. Ifemelu consegue uma bolsa de estudos para uma universidade nos Estados Unidos, enquanto Obinze fica na Nigéria e enfrenta a frustração de ter seu visto negado várias vezes, pois os Estados Unidos ficaram mais criteriosos após os atentados terroristas. Entretanto, Obinze, com a ajuda da mãe, professora universitária, que em uma viagem acadêmica à Inglaterra, consegue para o filho um visto de seis meses. No entanto, Obinze fica na Inglaterra ilegalmente por três anos, mas é deportado após este período.

Todavia, a narrativa inicia quando Ifemelu (Ifem) prepara-se para retornar para seu país de origem, porém, ela já está no exterior por aproximadamente quinze anos, já é uma mulher bem-sucedida financeiramente, mas antes enfrentou diversos problemas comuns aos imigrantes, tais como racismo e pobreza. Ao concluir seu curso universitário, ela torna-se uma *blogger* famosa e, através de seus textos,



consegue uma bolsa de estudos para mestrado na universidade de Princeton. Após a conclusão do mestrado e decidida a retornar a seu país, resolve procurar um salão para fazer suas tranças e durante o tempo em que fica no salão, relembra sua infância e adolescência na Nigéria, bem como suas experiências nos Estados Unidos. O enredo se desenvolve através de diálogos que ela tem neste ambiente e *flashbacks*.

Embora Obinze também tenha passado pela experiência de deixar seu país para viver na Inglaterra, aquele país que foi o colonizador do seu, impondo sua língua, cultura e deixando como legado um país dividido e subjugado, o foco deste artigo é a experiência de Ifemelu.

O estrangeiro e o senso de pertencimento em *Americanah*

Para discutir o que é ser estrangeiro neste romance, primeiramente deve-se entender seu título. *Americanah* não é uma palavra que o leitor encontrará uma definição no dicionário em qualquer idioma que pesquise. As amigas de Ifemelu definem a palavra quando falam sobre uma de suas colegas que viajará para os Estados Unidos:

“Ela vai voltar uma tremenda *americanah*, que nem a Bisi”, disse Ranyinudo. Todas urraram de rir com a palavra *americanah*, enfiada de alegria com sua quinta sílaba estendida, e ao pensar em Bisi, uma menina um ano abaixo delas que voltava de uma breve viagem aos Estados Unidos com estranhas afetações, fingindo que não entendia mais ioruba e acrescentando um erre arrastado a todas as palavras em inglês que falava (ADICHIE, 2014, p. 74).

O título não é traduzível, no entanto, é compreendido através do enredo, pois o mesmo refere-se a qualquer pessoa que viveu nos Estados Unidos e retornou à Nigéria e mantém o sotaque da língua inglesa, mas



também implica que aqueles que retornam já não são os mesmos que eram antes de imigrar.

Por conseguinte, o conceito de estrangeiro apresentado em *Americanah*, ultrapassa a ideia geográfica, não se trata apenas do estrangeiro que está dividido entre dois lugares. Ifemelu não se encontra nos Estados Unidos, mas quando retorna para Lagos também não pertence mais a sua cidade de origem. Para Kristeva, o estrangeiro nem sempre é de diferentes nacionalidades, ele muitas vezes não pertence a lugar algum:

Não pertence a nenhum lugar, nenhum tempo, nenhum amor. A origem perdida, o enraizamento impossível, a memória imergente, o presente em suspenso. O espaço do estrangeiro é um trem em marcha, um avião em pleno ar, a própria transição que exclui parada. Pontos de referência, nada mais (KRISTEVA, 1994, p. 15).

Enquanto nos Estados Unidos, o narrador enfatiza que “a Nigéria passou a ser o lugar onde Ifemelu deveria estar, o único lugar no qual poderia fincar raízes sem vontade constante de arrancá-las de novo e sacudir a terra” (ADICHE, 2014 p. 13), no entanto, ao chegar em seu país, tudo gera desconforto e estranhamento na protagonista. Tanto que sua amiga Ranyinudo chama-lhe a atenção mediante as constantes reclamações ao voltar para a Nigéria dizendo “você está vendo as coisas com olhos de americano” (Ibidem, p. 417). Ifemelu é uma mulher que busca o seu lugar, mas este lugar ideal só existe em seu pensamento, uma vez que o retorno para seu país não a levou para o lar que imaginava enquanto estava no exterior. Aparentemente, a protagonista não considerou que, assim como ela, a Nigéria que deixou há alguns anos também se transformou, seus amigos evoluíram, sua família se transformara.



As pessoas que a conheceram na juventude não reconheciam aquela jovem nigeriana. Mesmo Obinze, seu primeiro namorado, que também havia deixado a Nigéria, e, também se transformado, confundia-se ao ler suas postagens, pois “os posts do blog o deixaram atônito, pareciam tão americanos e tão alheios, a voz irreverente, suas gírias, sua mistura de linguagem erudita e popular. Ele não conseguiu imaginá-la escrevendo-os” (ADICHIE, 2014, p. 405) e conclui que ela fora transformada pelos Estados Unidos.

Entretanto, ao analisar a trajetória de imigrante e regresso de Ifemelu percebe-se que ela dialoga como a definição de homem desenraizado de Todorov (1999), porque para este

O homem desenraizado, arrancado de seu meio, de seu país, sofre em um primeiro momento: é muito mais agradável viver entre os seus. No entanto, ele pode tirar proveito de sua experiência. Aprende a não mais confundir o real com o ideal, nem a cultura com a natureza: não é porque os indivíduos se conduzem de forma diferente que deixam de ser humanos. Às vezes ele fecha-se em um ressentimento, nascido do desprezo ou da hostilidade dos anfitriões. Mas, se consegue superá-lo, descobre a curiosidade e aprende a tolerância. Sua presença entre os "autóctones" exerce por sua vez um efeito desenraizador: confundindo com seus hábitos, desconcertando com seu comportamento e seus julgamentos, pode ajudar alguns a engajar-se nesta mesma visão de desligamento com relação ao que vem naturalmente através da interrogação e do espanto (TODOROV, 1999, p. 27).

Observa-se este diálogo que mesmo encontrando barreiras durante sua vida como imigrante, tais como a questão racial que a atinge assim que chega ao país, ela afirma “Eu sou de um país onde a raça não é problema; eu não pensava em mim mesma como negra e só me tornei negra quando vim para os Estados Unidos ” (ADICHIE, 2014, p. 315). A protagonista encontra



maneiras para ultrapassá-las e não ser derrotada pelas adversidades impostas pelo país estrangeiro.

Uma das maneiras encontrada são suas publicações em seu *blog* denominado *Raceteenth*. Ela não se permite ser dominada pelo “desprezo” ou “hostilidade dos anfitriões”. Através deste blog, com textos originais, Ifemelu é convidada a ministrar palestras em escolas, empresas e universidades, promovendo a ela sucesso financeiro e acadêmico, mas acima de tudo, a protagonista, através de sua produção, deixa sua posição de sujeito imigrante inferior.

Os blogs eram algo novo, não familiar para Ifemelu. Mas dizer a Wambui o que tinha acontecido não fora satisfatório o suficiente; ela ansiava por ouvintes e ansiava por ouvir as histórias alheias. Quantas outras pessoas escolhiam o silêncio? Quantas tinham se tornado negras nos Estados Unidos? Quantas sentiam que seu mundo era envolto em gaze? Ifemelu terminou com Curt algumas semanas depois, fez um cadastro no WordPress e criou seu blog (ADICHIE, 2014, pp. 320–321).

Além do sucesso alcançado através de seu blog, Ifemelu é ouvida por produzir conteúdo de valor cultural no ambiente em que está inserida. A sua produção ultrapassa a cor da pele, mostra uma mulher em evolução que se questiona continuamente. Embora as postagens não estão em primeira pessoa, percebe-se o quanto suas publicações impactam sua vida.

Não diga: “Eu não vejo cor”, porque, se você não vê cor, tem de ir ao médico, e isso significa que, quando um homem negro aparece na televisão e eles dizem que ele é suspeito de um crime, você só vê uma figura desfocada, meio roxa, meio cinza e meio cremosa. Não diga: “Estamos cansados de falar sobre raça” ou “A única raça é a raça humana”. Os Negros Americanos também estão cansados de falar sobre raça. Eles preferiam não ter de fazer isso (ADICHIE, 2014, p. 353).



Além de sua produção cultural, Ifemelu, enquanto residente nos Estados Unidos, trava uma batalha constante para não se acomodar e renegar suas origens. Estas batalhas podem ocorrer em seus relacionamentos afetivos, a linguagem e até mesmo sua relação com sua transformação física. Ela, em um primeiro momento, trava um processo de construção para se adequar àquela sociedade dominante, mas também de desconstrução daquilo que possa ocultá-la como mulher negra não americana.

Um dos exemplos deste processo de construção e desconstrução ocorre quando, após um longo período de aperfeiçoamento de seu sotaque para se adequar às imposições do país estrangeiro e conseguir um emprego, ela “decidiu parar de fingir que tinha sotaque americano” (ADICHE, 2014, p. 328), uma vez que não seria mais uma *americanah* no futuro, sendo assim, aquele país não poderia interferir na sua língua. Ela falava inglês desde criança, não precisava mudar seu sotaque, pois o sotaque de inglês nigeriano, assim como igbo, fazia parte de sua identidade.

Além da batalha linguística, Ifemelu, também se liberta do culto ao modelo de cabelo imposto pelos padrões americanos e retoma seus cachos e tranças. O namoro com um homem “perfeito”, entenda-se perfeito por branco e bem-sucedido, ou seu trabalho estável em uma empresa consolidada não são fatores limitadores de sua busca de felicidade, dado que no momento em que se sente sufocada e incompleta, ela muda o curso de sua vida, buscando sempre alcançar o pertencimento ao ambiente. Desta forma, observa-se que esta busca por pertencimento é o que a move e a faz retornar ao seu país.

Ao mesmo tempo em que se reconhece ao retornar ao seu país, Ifemelu também questiona as diferenças que ocorreram durante sua ausência. Ao descrever seu retorno para a Nigéria, o narrador diz que “no



início, Lagos agrediu-a” (ADICHIE, 2014 p.415), pois tudo causava desconforto naquele momento, um desconforto que lhe causou “a sensação estonteante de que caía, caía dentro dessa nova pessoa que se tornara, caía no estranho familiar”. Aquela sensação a fazia questionar se seu país mudara tanto ou se ela havia se esquecido de como realmente era antes de sua partida, aquele caos não lhe pertencia mais.

Após o impacto da chegada, o narrador descreve que “de uma mistura de sentimentos, o único que se reconheceu foi confusão” (ADICHIE, 2014, p. 421) em Ifemelu. Ela não tinha mais certeza de nada, “não tinha mais certeza do que era novo em Lagos e do que era novo nela mesma” (Ibdem, p.424). Neste momento, o único alívio que sentia era o de “ter um passaporte azul americano na bolsa. Aquilo a protegia da falta de escolhas. Ela sempre poderia ir embora; não tinha de ficar ali” (Ibdem, p.427). Ifemelu considera a opção de retorno aos Estados Unidos porque não aceita os padrões impostos pela sociedade nigeriana à mulher, incomoda-se com o relacionamento informal no trabalho e até mesmo o barulho causado pelos geradores de energia elétrica.

No entanto, com o passar dos dias, Ifemelu percebe que sentir falta do estilo de vida que tinha nos Estados Unidos a deixava inquieta, então receia ter se tornado uma *americanah* quando o narrador esclarece que “se ela se diferenciasse, talvez não fosse tanto a pessoa que temia ter se tornado” (ADICHIE, 2014, p.367).

Para Todorov

A coexistência de duas vozes tornou-se uma ameaça, conduzindo à esquizofrenia social, já que elas estão em concorrência; mas, se elas formam uma hierarquia cujo princípio tenha sido livremente escolhido, podemos superar as angústias do desdobramento e a coexistência torna-se o terreno fértil de uma nova experiência (TODOROV, 1999, p. 23).



Assim como a citação acima, Ifemelu passa por este mesmo processo, mas o estranhamento e as indagações são substituídos por reconhecimento de pertencimento após um determinado tempo de análise daquele ambiente que, de certa forma, era novo para ela. Ela supera “as angústias do desdobramento” e compreende que “estou em casa”. A partir da constatação de estar em casa, a protagonista descobre que seu país também é um lugar para viver novas experiências e isto acontece quando ela decide criar um novo blog. No entanto, não há espaço neste blog para discutir questões raciais, pois estes modelos de posts já não seriam mais relevantes para ela, porque ela diz que “quando sai do avião em Lagos, me senti como se tivesse deixado de ser negra” (ADICHIE, 2014, p.415). Seu novo blog denominado *As Pequenas Redenções de Lagos* discutiria questões que afligiam principalmente uma mulher nigeriana na Nigéria.

Além deste novo blog, outro fator relevante no retorno de Ifemelu a Lagos é seu reencontro com Obinze. Embora não haja uma descrição detalhada de como Obinze se sentiu ao regressar para a Nigéria, ele compartilha neste primeiro momento que “ficava pensando que as coisas deveriam ter me esperado, mas não tinham” (ADICHIE, 2014, p.457). Ele também narra os benefícios e frustrações de ser um homem rico. Este reencontro gera alguns conflitos para ambos, em razão de Obinze já estar casado, embora não sinta que pertence aquele relacionamento, pois para ele, sua relação com a esposa era como “uma segunda pele em que jamais estivera perfeitamente confortável” (Ibidem, p. 491).

Ifemelu não aceita viver um relacionamento camuflado com Obinze e rompe. No entanto, após sete meses, Obinze decide, que independente de Ifemelu, ele precisa agir, não quer apenas atender convenções impostas



pela sociedade. A partir da reconciliação do casal, percebe-se que ambos encontram um senso de pertencimento ao seu país, mas como pessoas transformadas pela experiência de imigrar e retornar.

Considerações finais

Após a leitura de *Americanah*, percebe-se que ao imigrar e retornar ao seu país, a protagonista passa por três processos distintos, sendo eles a desintegração daquilo que é quando parte para o desconhecido, seguido de um processo de resistência e concluído por uma mudança que a transforma em uma pessoa diferente daquela que deixou seu país.

Estes processos resultantes do deslocamento da personagem têm impacto naquilo ela que acredita e a transforma em uma pessoa mais autêntica, uma pessoa que rompe com o eu que estava pré-estabelecido, quebra paradigmas. Além do deslocamento geográfico entre Nigéria e Estados, a autora também apresenta deslocamento histórico, cultural e político dentro da própria Nigéria. Ela expõe situações que a perturbam, muito além da questão racial. Ifemelu se descobre, aprende e se transforma em qualquer lugar que viva. Esta característica de pertencer ou não ao espaço em que se encontra é o que determina quem ela realmente é. Ao enfrentar estes embates e dilemas, Ifemelu descobre o pertencer, entretanto, este é um movimento constante em sua vida, um processo de construção e desconstrução que movem o seu viver.

Seguindo as características do romance contemporâneo apresentadas na primeira parte deste estudo, pode-se dizer que *Americanah* é um exemplar de uma narrativa contemporânea a partir do momento em que a obra ultrapassa a simples história de amor e apresenta elementos que



incomodam a autora, já que ela não focou apenas nas luzes de seu tempo, mas no obscuro. Observa-se, também, que o mais instigante está nas diversas nuances discutidas no desenrolar da narrativa, as quais são inerentes principalmente às mulheres negras americanas e não americanas, estrangeiras ou não.

Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Americanah**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- BAKHTIN, Mikhail. Epos e romance: sobre a metodologia do estudo do romance. In: **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Trad. BERNADINI, Aurora F. et al. 4.ed. São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- KRISTEVA, J. **Estrangeiros para nós mesmos**. Tradução de Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- SCHØLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- SCHØLLHAMMER, Karl Erik. **Do realismo ao pós-realismo**. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 20, n. 39, p. 14-21, 2º sem. 2016.
- TODOROV, Tzvetan, 1939. **O homem desenraizado**. Trad. CABO, Cristina. Rio de Janeiro: Record, 1999.